



**OS CINCO SUSPEITOS  
AGATHA CHRISTIE**

## INTRODUÇÃO

CARLA LEMARCHANT

Hercule Poirot examinou com interesse a mulher jovem que era introduzida na sala.

A carta que esta havia escrito não continha nada de particularmente notável. Era um simples pedido de entrevista, sem qualquer sugestão da razão de tal pedido. Era curta e precisa. Apenas a firmeza da caligrafia indicava que Carla Lemarchant era uma mulher jovem. E agora aqui estava ela em pessoa, uma jovem senhora alta e esbelta de vinte e poucos anos. O género de jovem para quem se olha definitivamente duas vezes. Trajava roupa de qualidade, um casaco caro, de corte impecável, uma saia e peles luxuosas. A sua cabeça assentava nos ombros com elegância, possuía uma testa quadrada, o desenho do nariz sugeria sensibilidade e o queixo determinação. Exibia uma aparência muito viva. Era esta vivacidade, mais do que a sua beleza, que lhe conferia a nota predominante.

Antes da sua entrada, Hercule Poirot sentira-se tomado de uma sensação de velhice, agora sentia-se rejuvenescido, vivo, alerta.

Avançando para cumprimentá-la, apercebeu-se dos seus olhos cinzentos escuros que o estudavam atentamente. Era um escrutínio diligente.

Ela sentou-se e aceitou o cigarro que ele lhe ofereceu. Depois de aceso, deixou-se estar sentada a fumar, durante um ou dois minutos, continuando a mirá-lo com aquele olhar reflexivo e diligente.

Poirot disse suavemente:

Sim, é uma decisão que deve ser tomada, não é verdade? Ela sobressaltou-se: Como disse?

A sua voz era cativante, com uma leve e agradável aspereza.

Está a decidir, não é verdade, se eu sou um simples vendedor de banha da cobra ou o homem de que precisa?

Ela sorriu e disse:

Bem, efectivamente... não está longe da verdade. É que o senhor não... não tem exactamente o aspecto que eu imaginei, M. Poirot.

E sou velho, não sou? Mais velho do que imaginou.

Sim, isso também. Hesitou. Estou a ser franca, compreende. Quero... tenho de ter... o melhor.

Fique descansada disse Hercule Poirot. Eu *sou* o melhor!

Modesto não é... *disse* Carla. De qualquer forma, sinto-me inclinada a acreditar em si.

Poirot disse, placidamente:

Sabe, uma pessoa não se serve unicamente dos músculos. Eu não preciso de me baixar e medir as pegadas e pegar nas pontas de cigarro e examinar a relva calcada. Basta-me reclinar-me na minha poltrona *e pensar* *É* isto deu uma palmada na cabeça oval, *isto* que funciona!

Eu sei disse Carla Lemarchant. Foi por isso que me dirigi ao senhor *É* que, compreende, quero que o senhor faça uma coisa extraordinária!

Isso cria-me expectativas agradáveis! comentou Hercule Poirot. Olhou-a, tentando encorajá-la.

Carla Lemarchant respirou fundo.

Não me chamo Carla disse. Chamo-me Caroline. O mesmo nome da minha mãe. Puseram-me o nome dela. Fez uma pausa. E apesar de ter sempre usado o apelido de Lemarchant, o meu verdadeiro apelido é Crale.

Hercule Poirot franziu momentaneamente o sobrolho, perplexo. Murmurou: Crale... julgo lembrar-me...

O meu pai era pintor continuou ela, um pintor muito conhecido. Há quem diga que era um excelente pintor. *Eu* sou de opinião que sim.

Hercule Poirot disse: Amyas Crale?

Sim. Fez uma pausa e prosseguiu: E a minha mãe, Caroline Crale, foi julgada pelo seu assassínio!

Ah! disse Hercule Poirot. Estou a lembrar-me... embora vagamente. Estava no estrangeiro na época. Foi há muito tempo.

Dezasseis anos.

O seu rosto estava agora muito pálido e os olhos eram dois archotes acesos.

Compreende? perguntou. Ela *foi julgada e condenada*... Não a enforcaram, porque consideraram que havia circunstâncias atenuantes... e assim a sua pena foi comutada para prisão perpétua com trabalhos forçados. Mas ela faleceu decorrido apenas um ano do julgamento. Compreende? Chegou ao fim... está tudo acabado... terminado...

Poirot disse calmamente: E então?

A rapariga chamada Carla Lemarchant apertou as mãos uma na outra. Falou pausada e

hesitantemente, mas com uma ênfase estranha e acutilante:

O senhor tem de compreender... exactamente... o meu papel. Eu tinha cinco anos de idade na altura em que... aconteceu. Demasiado nova para saber o que se passava. Recordo a minha mãe e o meu pai, naturalmente, e recordo que saí de casa abruptamente... que fui levada para o campo. Recordo os porcos e a mulher simpática de um lavrador gordo... e que todos eram muito amáveis... e recordo, muito claramente, a forma esquisita como me olhavam... toda a gente... uma espécie de olhar furtivo. Claro que sabia, as crianças sabem, que havia qualquer coisa que não estava bem... mas não sabia o quê.

«E, em seguida, fui levada para um barco... foi uma aventura... que durou dias, e cheguei ao Canadá, onde o meu tio Simon estava à minha espera, e fui viver com ele e com a tia Louise em Montreal, e, quando perguntava pela minha mãe e pelo meu pai, diziam-me que eles estavam a chegar. Depois... depois acho que esqueci... só que tinha uma espécie de pressentimento de que estavam mortos, embora não me lembrasse de ninguém mo ter realmente dito. Porque, por essa altura, não sei se está a ver, eu já não pensava neles. Sentia-me muito feliz, compreende. O tio Simon e a tia Louise tinham muitos amigos e eu já me tinha esquecido de que tinha tido outro nome, de que não me chamava Lemarchant. A tia Louise disse-me que era o meu nome no Canadá, compreende, o que na altura me pareceu fazer todo o sentido... era simplesmente o meu nome canadiano... mas, como disse, acabei por esquecer que tinha tido outro no passado.

Ela levantou o queixo provocadoramente e disse:

Olhe para mim. Diria, não diria, se me conhecesse: «Ali vai uma rapariga que não tem preocupações!». Vivo folgadoamente, a minha saúde é esplêndida, sou suficientemente agradável à vista, posso desfrutar dos prazeres da vida. Aos vinte anos, não havia rapariga nenhuma no mundo com quem quisesse trocar de pele.

«Mas, sabe, já tinha começado a fazer perguntas. Sobre a minha mãe e o meu pai. Quem eram e o que tinham feito. Quis o destino que, no fim, viesse a saber...

«Com efeito, contaram-me a verdade. Quando eu tinha vinte e um anos. Tiveram de contar, porque, quanto mais não fosse, tomei posse do dinheiro que me pertencia. E depois, compreende, havia uma carta. A carta que a minha mãe me escreveu antes de morrer.

A sua expressão alterou-se, ensombrando-se. Os seus olhos não eram mais dois pontos ardentes, mas poços escuros e sombrios.

Foi aí que eu soube a verdade disse. Que a minha mãe tinha sido condenada por homicídio. Foi... absolutamente tremendo.

Fez uma pausa.

Há outra coisa que tenho de lhe dizer. Eu estava noiva e ia casar. Disseram que eu devia esperar... que não podia casar-me até fazer vinte e um anos. Quando soube, compreendi porquê.

Poirot agitou-se e falou pela primeira vez:

E qual foi a reacção do seu noivo?

O John? O John não se importou. Disse que não fazia qualquer diferença... a ele não fazia. Eu e ele éramos a Carla e o John... e o passado não tinha importância.

Ela inclinou-se para a frente.

Continuamos noivos. Mas sabe, apesar de tudo, tem *realmente* importância. Para mim, tem. E também tem para o John... Não é o passado que nos preocupa... é o futuro. Apertou as mãos. É que queremos ter filhos. Queremos os dois ter filhos. E não queremos ver os nossos filhos crescer com medo.

Não compreende que existem, entre os antepassados de toda a gente, histórias de violência e maldade? perguntou Poirot.

O senhor não está a entender. Isso é verdade, claro. Mas, por outro lado, as pessoas normalmente não conhecem essas histórias. Nós conhecemos. São demasiado recentes. E por vezes... apanho o John a olhar para mim.

Um olhar breve, de relance... um lampejo apenas. Se nos casarmos e tivermos uma discussão... e eu o vir olhar para mim e... e duvidar?

Hercule Poirot disse: Como foi assassinado o seu pai?

A voz de Carla surgiu clara e firme.

Foi envenenado.

Compreendo disse Hercule Poirot.

Instalou-se um silêncio. Em seguida, a rapariga disse, num tom de voz calmo e directo:

Graças a Deus que o senhor é sensível. Compreende que tem importância... e quais as implicações. Não procura pôr água na fervura e balbuciar meia dúzia de palavras de consolo.

Compreendo perfeitamente disse Poirot. O que não compreendo é o que pretende de *mim*.

Carla Lemarchant respondeu simplesmente:

Quero casar-me com o John! E tenciono casar-me com o John! E quero ter, pelo menos, duas raparigas e dois rapazes. E o senhor vai tornar isso possível!

Quer dizer... que quer que eu fale com o seu noivo? Claro que não, que idiotice que eu

estou para aqui a dizer! O que está a sugerir é uma coisa muito diferente. Diga-me qual é a sua ideia.

Ouçã, M. Poirot. Veja se entende... com toda a clareza. Estou a contratá-lo para investigar um caso de homicídio.

Quer dizer...?

Sim, é isso mesmo que quero dizer. Um caso de homicídio, quer tenha ocorrido ontem ou há dezasseis anos.

Mas, minha cara senhora...

Espere, M. Poirot. Ainda não entendeu tudo. Há um ponto muito importante.

-Sim?

A minha mãe estava inocente disse Carla Lemarchant. Hercule Poirot esfregou o nariz e murmurou: Bem, naturalmente... eu compreendo que...

Não se trata de sentimentalismo. Existe a carta que ela escreveu. Deixou-ma, antes de morrer. Devia ser-me entregue quando eu fizesse vinte e um anos. Deixou-a por uma única razão... para que eu não tivesse dúvidas.

A carta não continha mais nada. Ela dizia apenas que não tinha cometido o crime... que estava inocente... que eu podia estar sempre certa da sua inocência.

Hercule Poirot olhou pensativamente para o rosto jovem e cheio de vida que o fitava com tanta sinceridade. Disse, pausadamente:

*Tout de même...* Carla sorriu.

Não, a minha mãe não era assim! Está a pensar que pode ter sido mentira... uma mentira sentimental? Inclinou-se para a frente, ansiosa. Ouçã, M. Poirot, há coisas que as crianças sabem perfeitamente. Eu recorde a minha mãe... é uma recordação indistinta, naturalmente, mas recorde muito bem *o género* de pessoa que ela era. Ela não dizia mentiras... mentiras piedosas. Se uma coisa ia causar dor, ela nunca escondia esse facto. Dentistas ou espinhos cravados no dedo... esse género de coisa. A verdade era para ela... um impulso natural. Eu não lhe tinha, creio, uma afeição particular... mas confiava nela. *Ainda* hoje confio nela! Se ela diz que não matou o meu pai, é porque não matou o meu pai! Não era pessoa para escrever solenemente uma mentira, sabendo que estava a morrer.

Lentamente e quase com relutância, Hercule Poirot inclinou a cabeça. Carla continuou. É por isso que posso casar-me com o John. *Eu* sei que posso. *Mas ele não sabe*. Acha que é perfeitamente natural que eu considere a minha mãe inocente. A questão tem de ser deslindada, M. Poirot. E o *senhor vai* fazê-lo!

Hercule Poirot disse pausadamente:

Assumindo que aquilo que está a dizer é verdade, mademoiselle, a verdade é que já passaram dezasseis anos!

Sim, vai ser *difficil*, naturalmente! disse Carla Lemarchant. Só o *senhor* é capaz de esclarecer este caso!

Os olhos de Hercule Poirot cintilaram levemente.

Está a lisonjear-me, hein? disse ele. Carla disse:

Ouvi falar em si. Nas coisas que fez. *Na forma* como as fez. É a psicologia que o fascina, não é assim? Pois essa não muda com o tempo. As coisas palpáveis desapareceram... a ponta de cigarro e as pegadas e a relva calcada. Essas já não pode procurar. Mas pode analisar todos os factos do processo e talvez falar com as pessoas que estiveram presentes na altura... encontram-se todas vivas ainda... e então... e então, como acabou de dizer, pode reclinar-se na sua poltrona *e pensar*. *E saberá o que realmente aconteceu...* Hercule Poirot pôs-se de pé. Cofiou o bigode.

Mademoiselle, sinto-me muito honrado! disse. Verá que a sua fé em mim será justificada. Vou investigar o seu caso de homicídio. Examinarei as ocorrências que tiveram lugar há dezasseis anos e descobrirei a verdade.

Carla levantou-se. Havia um brilho nos seus olhos, mas limitou-se a dizer:

Ótimo.

Hercule Poirot agitou um dedo indicador eloquente.

Um momentinho. Eu disse que descobriria a verdade. Não tenho, compreenda, a ideia preconcebida. Não aceito a sua garantia de que a sua mãe está inocente. Se ela for culpada... *eh bien*, em que pé ficamos?

Carla atirou para trás a sua altiva cabeça, dizendo:

Sou filha dela. Quero a *verdade*. Hercule Poirot disse:

Então, *en avant*. Embora não seja o que eu devia dizer Pelo contrário. *En arrière...*

## CAPÍTULO I

### O ADVOGADO DE DEFESA

Se me lembro do processo Crale? perguntou Sir Montague Depleach. Com certeza que lembro. Lembro-me muito bem. Uma mulher extraordinariamente atraente. Mas desequilibrada, claro. Sem autocontrole.

Olhou de soslaio para Poirot.

Que o leva a fazer-me essa pergunta?

Estou interessado.

Não é muito diplomático da sua parte, meu caro disse Depleach, exibindo os dentes no seu abrupto e famoso «sorriso de lobo», que tinha a reputação de exercer um efeito aterrador sobre as testemunhas. Não figura no rol dos meus êxitos, sabe. Não a ilibei.

Eu sei.

Sir Montague encolheu os ombros e disse:

É claro que na época não tinha a experiência que tenho hoje. Mesmo assim, penso que fiz tudo quanto era humanamente possível. Sem *cooperação*, não se pode ir muito longe. Mas a *verdade* é que conseguimos comutar a pena para prisão perpétua com trabalhos forçados. Na base de que foi provocada, compreende. Muitas esposas e mães respeitáveis assinaram uma petição. Havia uma simpatia generalizada por ela.

Reclinou-se, esticando as suas longas pernas. O seu rosto assumiu uma expressão judicial e apreciativa.

Sabe, se ela o tivesse morto a tiro ou mesmo esfaqueado... eu teria tentado tudo por tudo para conseguir uma acusação de homicídio involuntário. Mas veneno... não, com veneno não se brinca. É complicado... muito complicado.

Qual foi a defesa? perguntou Hercule Poirot.

Ele sabia, porque já tinha lido os arquivos de jornal, mas não viu qualquer inconveniente em fingir-se completamente ignorante com Sir Montague.

Oh, suicídio. Era a única *coisa possível*. Mas não convenceu. O Crale, pura e simplesmente, não era esse género de homem! Suponho que nunca o conheceu? Não? Bom, era um sujeito fanfarrão e vivo. Um grande mulherengo, amigo da cerveja... e por aí fora. Era partidário dos prazeres da carne e gozava-os. É impossível persuadir os jurados de que um homem assim se vai sentar calmamente e pôr termo à vida. Não faz sentido. Não, infelizmente tive em mãos, desde o início, um caso perdido. E ela não alinhava! Percebi que íamos perder, mal ela subiu ao banco. Completamente desprovida de qualquer espírito combativo. Mas lá está... se não pomos o nosso cliente no banco, os jurados tiram as suas próprias conclusões.



Era a isso que se referia quando ainda há pouco disse que não se pode ir muito longe sem cooperação? perguntou Poirot.

Absolutamente, meu caro. O senhor sabe que não somos mágicos. Metade da batalha é a impressão que o réu causa nos jurados. Já vi júris, vezes sem conta, proferir veredictos que vão completamente contra a síntese do juiz. «Ele é culpado, é sim senhor»... é o ponto de vista. Ou «Ele nunca fez uma coisa daquelas... não acredito!». A Caroline Crale nem sequer tentou dar luta.

E porque não?

Sir Montague encolheu os ombros.

Não me pergunte. É claro que ela tinha afeição pelo sujeito. Ficou destroçada quando caiu em si e compreendeu o que tinha feito. Acho que nunca recuperou do choque.

Então na sua opinião ela era culpada? Depleach pareceu bastante surpreendido.

Hum... bem disse, pensei que tínhamos isso como assente.

Alguma vez ela admitiu ao senhor que era culpada? Depleach mostrou-se chocado.

Com certeza que não... com certeza que não. Nós temos a nossa deontologia, sabe. Partimos sempre de um princípio de... hum... inocência. Se está assim tão interessado, é uma pena não poder falar com o velho Mayhew. Os Mayhews foram os juriconsultos que contrataram os meus serviços. O velho Mayhew podia dizer-lhe muito mais do que eu. Mas enfim... juntou-se à grande maioria. Há o jovem George Mayhew, claro, mas na altura não passava de um rapaz. Já lá vai muito tempo, sabe.

Sim, eu sei. É uma grande sorte para mim que o senhor recorde tanta coisa. A sua memória é notável.

Depleach pareceu satisfeito e murmurou:

Bem, sabe, uma pessoa lembra-se dos pontos principais. Especialmente quando se trata de um crime capital. E, é claro, o processo Crale foi muito badalado pela imprensa. Muito sexo envolvido e tudo isso. A rapariga era muitíssimo atraente. Mas casmurra como tudo, na minha opinião.

Desculpar-me-á se pareço demasiado insistente disse Poirot, mas volto a perguntar: não tinha qualquer dúvida da culpa de Caroline Crale?

Depleach encolheu os ombros e disse:

Francamente, de homem para homem, não me parece que haja grande dúvida nesse ponto. Acredite, ela matou-o, sim senhor.

Quais eram as provas contra ela?

Terrivelmente incriminatórias, na verdade. Em primeiro lugar, havia o motivo. Ela e o Crale viviam há anos uma vida de cão e de gato... quezílias constantes. Ele andava sempre metido com outras mulheres. Era superior às suas forças. Era o género de homem que ele era. De uma maneira geral, ela aguentava bem a situação. Dava-lhe os devidos descontos por causa do seu temperamento... e o homem era realmente um pintor de primeira água, sabe. Os seus quadros subiram imenso no mercado... imenso. É um tipo de pintura que, *a mim* pessoalmente, não me diz nada... os temas são repulsivos e vigorosos, mas tem *qualidade*... disso não restam dúvidas.

«Bem, como digo, de vez em quando, havia discussões por causa de mulheres. Mrs. Crale não era do tipo dócil que sofre em silêncio. Havia brigas, sim senhor. Mas no fim ele voltava sempre para ela. Eram aventuras passageiras. Mas o último caso foi muito diferente. Tratou-se de uma rapariga, está a ver... uma rapariga muito nova. Tinha apenas vinte anos.

«Elsa Greer, era como se chamava. Era filha única de um industrial qualquer do Yorkshire. Tinha dinheiro e determinação e sabia o que queria. E o que queria era o Amyas Crale. Conseguiu que ele a pintasse... habitualmente, ele não pintava retratos da sociedade, «Sra. Fulana de Tal em cetim e pérolas», mas pintava figuras. Duvido que, na maioria dos casos, as mulheres tivessem querido que ele as pintasse... o homem não as poupava! Mas pintou Elsa Greer e acabou completamente embeaçado por ela. Ele ia a caminho dos quarenta, sabe, e estava casado há muitos anos. Estava em ponto de rebuçado para fazer figura de parvo com uma rapariguinha nova. Elsa Greer foi a rapariga. Estava doido por ela e fazia tenções de se divorciar da mulher e casar com a Elsa.

«A Caroline Crale não estava pelos ajustes. Ameaçou-o. Houve duas pessoas que a ouviram dizer que, se não deixasse a rapariga, o matava. E falava a sério, pode crer! No dia anterior ao assassinio, tinham tomado chá com um vizinho. Este interessava-se por ervas e remédios caseiros. Entre as infusões de que era autor, contava-se a conina... ansarina malhada. Conversaram sobre ela e sobre as suas propriedades mortíferas.

«No dia seguinte, ele reparou que metade do conteúdo do frasco tinha desaparecido. Ficou nervosíssimo com a situação. Encontraram um frasco quase vazio de conina no quarto de Mrs. Crale, escondido no fundo de uma gaveta.

Hercule Poirot mexeu-se desconfortavelmente na cadeira e disse:

Pode ter sido lá posto por outra pessoa.

Não, não! Ela admitiu à polícia que foi ela que o levou. Muito irreflectido, naturalmente, mas nessa fase ainda não tinha um advogado que a aconselhasse. Quando a interrogaram sobre o assunto, admitiu abertamente tê-lo levado.

Por que *razão*?

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

